DIRETOR: Firmino de Vilhena

Redação, administração e oficinas de composição e impressão, propriedade e edição do director,

Avenida Agostinho Pinheiro, 1

Enderêço telegrafico

"CAMPEÃO,,—AVEIRO

Decano dos jornais portuguezes

Ano 68.º—Numero 6:641—Sabado, 21 de junho de 1919

Campeão das Provincias

Fundado em 14 de fevereiro de 1852 por Manuel Firmino d'Almeida Maia

ASSINATURAS—Ano 2$80 Numero do dia, 5 centavos; atrazado, 6 centavos. Africa ocidental 3$50; Africa oriental, 4$00; Brazil, França e Inglaterra, 4$50. A' cobrança feita pelo correio, acresce a importancia a dispender com ela.
A assinatura é sempre contada dos dias 1 ou 15 de cada mez e cobrada no começo de cada trimestre.
Não se restituem os originais.

Publica-se ás quartas-feiras e sabados

Não é da responsabilidade do jornal a doutrina dos escritos assinados ou simplesmente rubricados

PUBLICAÇÕES—Escritos de interesse particular, 12 centavos por linha. Anuncios na 1.ª pagina 20 centavos por linha singela; na 2.ª, 16; na 3.ª 10 e na 4.ª, 8s
Anuncios permanentes, contrato especial. A todos acresce o imposto do sêlo.
Os srs. assinantes teem o abatimento de 10 % nos anuncios e no impressos feitos nas nossas Oficinas.

A ESCOLA INDUSTRIAL E COMERCIAL DE AVEIRO

Está reduzida a uma simples escola de artes e oficios

Ao sr. ministro do comercio
Aos srs deputados do circulo e senadores do distrito

Vai para 24 anos que esta cidade de Aveiro foi dotada com uma Escola-industrial, sendo em 1914, ha 5 anos, anexado á mesma escola um Curso-elementar-de-comercio.

A' criação e instalação da Escola concorreu louvavelmente o esforço e inteligente cooperação de um nucleo de homens desta terra, compreendendo assim com o maior acêrto e perspicacia que o ensino industrial constituia um dos mais solidos factores da fortuna de um povo, tendo o condão de fazer perpetuar o amor e gôsto pelo que é nosso e de evitar que a nossa tradição, genuinamente artistica e industrial, se perca nos mais reconditos cantos da provincia sem o apoio do Estado, que tem por restrita obrigação moral facilitar a solução das necessidades apontadas pelos competentes na materia.

A criação e instalação do curso comercial—está ainda na memoria de todos—fêla decididamente a boa vontade do sr. dr. Barbosa de Magalhães, ilustre filho desta terra, que para esta tudo quer, tudo póde e tudo acha pouco e que, dado o desejo que sempre mostrou de bem servir os sagrados interesses da sua patria, em feliz hora, soube tambem integrar nas necessidades dos progressos da nossa instrução toda a sua tenacidade em elevar o nosso liceu á central.

A «Escola industrial e comercial de Aveiro» estava, portanto, a corresponder possivelmente ás exigencias da industria e comercio locais, traduzindo-se pela ilustração de tantos alunos, jovens e adultos, que a frequentavam até adquirirem os conhecimentos de imediata aplicação prática nos principais centros de actividade onde podessem valorisar os seus recursos. A Fabrica de faiança da Vista-alegre—a mais importante da nossa peninsula—a Fabrica de ceramica da Fonte-nova, a de telha e de outros produtos artisticos dos srs. Campos & filhos e varios outros nucleos da actividade industrial, espalhados na cidade e nos arredores, atestam exuberantemente que os conhecimentos adquiridos pelos seus empregados tecnicos nessa escola, sim, nessa escola, sob a proficiente direcção do sr. Francisco Augusto da Silva Rocha, tem sido o verdadeiro nêrvo do seu progresso e do progresso das suas oficinas, permitindo-lhes combater no nosso proprio mercado artigos similares vindos de fóra e penetra-los até nas praças estrangeiras com vantagens utilitarias e sociais que honram a vida nacional e enchem de orgulho os artistas da nossa terra.

Passando da industria para o comercio, é-nos grato igualmente acentuar que, se é verdade que não é comerciante quem o quer, mas quem dispõe de conhecimentos de sciencia comercial, porque ele representa o laço prendendo todos os interesses, e quando scientifico, é o maior excitador do progresso, póde dizer-se, sem receio de errar, que o curso comercial de Aveiro, apesar da sua curta duração, tem sido a fieira de preparação de tantos empregados do comercio que, com vantagens, se tornaram prestes neste nosso pequeno meio para as lutas economicas.

Em vista disso, competia ao Estado dispensar á «Escola industrial e comercial de Aveiro» toda a protecção necessaria para lhe assegurar um futuro prospero. Era preciso promover o seu desenvolvimento, dando-lhe uma feição mais pratica de maior especialisação tecnica e medindo o grau das necessidades da terra, cedendo mesmo, por fim, a um plano preestabelecido e grande, com o alto e reflectido fim de crear uma educação profissional, integra e democratica.

Mas não foi isto o que se fêz.

Pela reforma da autoria do secretario de Estado do comercio, sr. Azevedo Neves, alterou-se profundamente a organisação da escola. A Escola industrial passou a sêr a de artes e oficios, e a comercial ficou reduzida a uma simples aula, tendo uma e outra um ou dois professores apenas.

Contra essa alteração, que nada justifica porque afecta profundamente os interesses da nossa terra, digna de melhor sorte, reclamamos do sr. ministro do comercio—que é um homem de iniciativa e conhecedor, como poucos, dos problemas vitais que interessam á expansão e á proficuidade do ensino em que superintende,—as mais urgentes providencias no sentido de reverter a escola a *statu quo ante*, cercando-a de todas as regalias que as suas congéneres presentemente auferem, e lavramos aqui o nosso solene protesto—em que toda a imprensa local por certo se dignará de nos acompanhar — contra o decreto da sua extinção, perante o qual atingiria as proporções de um verdadeiro crime social o nosso silencio.

Atualidades

Ainda a eleição de Aveiro

O tribunal de verificação de poderes validou agora a eleição de deputados pelo circulo de Aveiro.

Estivemos, entretanto, num importante numero de semanas, sem representação no Parlamento. Foi graças áquela insistente campanha feita perante o ministro do interior e com a qual o centrismo pretendeu cobrir a derrota que o assinalou.

E eis como, num regimen republicano, reimplantado pela gloriosa marcha dos soldados da Republica sobre o Vouga, se estiveram servindo aqueles que até ao Vouga trouxeram arvorada a bandeira da realeza.

Está bem. E a completar a obra em que se obstinou o chefe do governo, só falta que «do alto do seu poder» ele por si anule o esforço republicano que reduziu as hostes realistas á sua simples expressão.

Se lhe fosse possivel fazê-lo, fazêmos-lhe a justiça de crêr que o faria. E então, todas as decididas forças da Republica no circulo abandonariam a luta a empenhar de novo. Deixar-se-ia o logar á realeza patrocinada pelo sr. Domingos Pereira. O logar áquela, e as responsabilidades a este.

Nós fariamos isto. Em todos os concelhos que constituem o circulo n.º 13, que o sr. Domingos Pereira colocasse autoridades e comissões administrativas da mesma proveniencia e feição. Nenhum republicano se prestaria a servir tais cargos.

Esta seria a nossa desafronta. Vá, sr. ministro. Decrete lá do alto mais isso. O sr. dr. Egas Moniz, falando pela bôca de v. ex.ª, prometeu-o. V. ex.ª, interpretando o sentir do sr. dr. Egas Moniz, jurou-o. Não deixe em pouco a sua promessa. «Decrete» a vêr se péga. Mas na certeza de que nos não batêmos no Vouga defendendo a Republica para regalia dum governo que na Republica só defende a monarquia.

Partido-republicano portuguez

Devendo realisar-se nos dias 28, 29 e 30 do corrente o Congresso geral ordinario do Partido-republicano-portuguez, o Directorio convida as comissões e entidades que ainda se não tenham inscrito a fazê-lo no mais curto praso a fim de facilitar os trabalhos de expediente.

E' preciso que se não falte á chamada. E' dever de todos os filiados no grande agrupamento partidario.

Funcionarios administrativos

Estão reunindo, nas sédes de todos os distritos do paiz, num movimento de solidariedade muito de louvar, os funcionarios administrativos pagos pelos municipios, a fim de solicitarem dos poderes publicos a melhoria de situação a que teem direito, e que tantos com mênos numéro de serviços e de responsabilidades tem conseguido obter.

E' a classe dos funcionarios municipais a unica que se conserva até agora excluida das regalias de que já outras gosam, e que tem suportado, com uma abnegação e um heroismo dignos de registo, as dificuldades da vida.

Enquanto a um simples ferramenteiro ou continuo de obras publicas se paga actualmente um ordenado superior a 500 escudos, e a um distribuidor ou boletineiro quantia que ultrapassa aquela em perto de 200, a um amanuense das secretarias municipais, quando de 1.ª categoria, satisfaz-se a custo um vencimento de 300!

Póde isto sêr? Que flagrante e vergonhosa disparidade!

Estão reunindo, por toda a parte, num movimento de defeza dos seus interesses que realmente se justifica e se torna indispensavel, os funcionarios tão desegualmente esquecidos dos poderes publicos.

Na 2.ª feira devem reunir aqui os de todo o distrito de Aveiro, anuindo ao convite e secundando o esforço de todos os restantes que para a representação coletiva lhes solicitam o apoio indispensavel.

Formar-se-ha uma grande comissão que irá pessoalmente a Lisboa apresentar as suas reclamações, que deverão sêr atendidas como de justiça.

"Centro republicano dr. Barbosa de Magalhães,,

Deve realisar-se amanhã, na Murtoza, a inauguração do *Centro republicano dr. Barbosa de Magalhães*, festa para a qual vai naquela visinha e prospera povoação um entusiasmo digno de registo.

Vem assistir ao acto, que deverá revestir brilho e imponencia, o ilustre patrono do mesmo centro, que será daqui acompanhado de amigos seus e será aguardado em Estarreja por outros que de diferentes pontos do distrito ali vão tambem.

Uma entrevista COM O sr. dr. Afonso Costa

O presidente da delegação portugueza á Conferencia da Paz faz declarações importantes ao correspondente de Paris para a "Epoca,, ,do Rio de Janeiro, declarações que aquele ilustre jornalista envia tambem á "Opinião,,, nosso colega lisbonense

Sabe-se que o Tratado de Paz, tal qual foi entregue, em Versailles, a 7 do corrente, aos delegados alemães é um modelo de injustiça e de iniquidade para com as pequenas nações que, como Portugal, sáem da guerra, financeiramente abaladas.

Sem consideração nenhuma pelos seus sacrificios em homens e em dinheiro, nem mesmo pelo seu belo gesto de manter-se na refrega expontanea e desinteressamente, Portugal foi até agora completamente esquecido pelo Areopago da Paz.

O publico está a par dos protestos que na Conferencia da Paz tem feito o presidente da delegação portugueza, sr. dr. Afonso Costa.

Quiz trocar pessoalmente com s. ex.ª algumas impressões, sobre os acontecimentos no Congresso e os *desiderata* de Portugal.. Pedi-lhe para isso uma entrevista a que s. ex.ª amavelmente se dignou aceder.

Foi no hotel Campbell, na tarde do dia 21 do corrente.

Introduzido por um joven secretario, fui recebido pelo sr. dr. Afonso no seu gabinete de trabalho, onde o sr. coronel Norton de Matos, testimunha da entrevista, folheava os jornais portuguezes recentemente chegados.

Portugal não tinha reivindicações a formular

Convidado a assentar-me ao lado do sr. dr. Afonso Costa, não tardei a formular-lhe os seguintes quesitos, preparados com antecedencia, aos quais s. ex.ª respondeu como segue:

— Em que estado de negociação se encontravam as reivindicações portuguezas quando v. ex.ª assumiu a presidencia da delegação?

— Primeiro que tudo deixe-me dizer-lhe que Portugal não tem «reivindicações» a fazer no Congresso da Paz. Usa-se e abusa-se deste termo inconscientemente. Portugal bateu-se, ao lado dos aliados, sem visos de conquista nem desejos de engrandecimento material, mas unicamente pelo direito, pela beleza da causa da civilisação, em perigo. E' preciso que o publico portuguez não perca jámais isto de vista nas criticas que entende fazer ás clausulas do Tratado de Paz.

Quando, de alma e coração, eu trabalhei pela cooperação efetiva e onimoda de Portugal na guerra, só pensei na beleza moral do gesto do nosso paiz, que arrancou ao isolamento em que se estiolava e o fez admirar do mundo inteiro. E quando mesmo Portugal ficasse materialmente arruinado na paz que ora recomeça—que não fica, pois os protestos que no Congresso da Paz fiz e que interpretavam tambem o sentir de outras nações, modificarão a situação—a beleza do seu gesto entrando na guerra unicamente pela defeza do direito e da civilisação, a lição de altruismo e de desinteresse, emfim, dada ao mundo, compensaria deante da Humanidade e deante da Historia os seus sacrificios, os seus danos.

Não ha, não havia, pois, «reivindicações» portuguezas a apresentar no Congresso da Paz.

As reclamações de Portugal quando a primitiva delegação foi substituida

Quando assumi a presidencia da delegação, em substituição do sr. dr. Egas Moniz, nenhum dos *desiderata* de Portugal tinha obtido satisfação, mau grado tudo o que em contrario possa dizer esse estadista.

O sr. dr. Egas Moniz fez o que fizeram os delegados das outras nações: apresentou no Congresso da Paz o *memorandum* dos *desinerata* de Portugal, mas de maneira nenhuma podia ter afirmado, á data em que o fez, que esses *desiderata* obtiveram integral satisfação.

O sr. dr. Egas Moniz foi certamente enganado pelos portavozes da sua palavra que, sem duvida, ultrapassaram o sentimento de s. ex.ª, pois não creio que s. ex.ª tenha querido enfeitar-se com penas de pavão...

De resto, numa segunda entrevista concedida a um grande jornal de Lisboa, o sr. dr. Egas Moniz não foi tão categorico como da vez primeira; procurou até atenuar o efeito e o exagero das suas primeiras declarações, e adoçar, por consequencia, a situação.

Alem de tudo, o sr. dr. Egas Moniz, de cujas boas intenções e de cujo patriotismo ninguem certamente duvida, não era tão conhecido no estrangeiro, como nós outros que fizémos entrar Portugal na guerra: podia esse estadista seguir as negociações na Conferencia da Paz e apresentar as notas em nome de Portugal, mas, de forma nenhuma tinha ele a autoridade moral, como nós outros temos, para impôr nessa conferencia o ponto de vista da nação portugueza.

Não quero abrir polémica sobre o caso, mas vejo-me obrigado a dizer a verdade nua e crua, dôa a quem doer: o que o sr. dr. Egas Moniz quiz dizer, no fim de contas, é que tinha apresentado as reclamações, ou melhor, as notas de Portugal a tempo e a horas, mais nada.

Quanto á afirmação de essas reclamações têrem virtualmente obtido satisfação, é pura fantasia.

A restituição de Kionga e os navios ex-alemães

Mas depois que v. ex.ª assumiu a presidencia da delegação—perguntei,—tiveram as reivindicações portuguezas melhor sorte?

Deu-se Kionga a Portugal? Deram-se-lhe os navios ex-alemães apreendidos nos seus portos? Cobriram-se-lhe as despezas de guerra com uma indemnisação em ouro?

— Já lhe disse que não ha «reivindicações» portuguezas. Ao contrario das outras dações, Portugal não interveio na luta em virtude de algum tratado ou contrato que lhe assegurasse compensações em territorios ou em dinheiro. Ele entrou espontaneamente na guerra sem nada pedir, sem exigir nenhuma garantia; bateu-se por um ideal infinitamente mais digno e enobrecedor: o Direito e a Justiça!

Quando assumi a presidencia da delegação já sabia, pois, que Portugal nada tinha que «reivindicar». Havia apenas interesses a defender e problemas a resolver, que nos tocam uns e outros de perto, resultantes não diretamente da nossa intervenção armada, mas sim da situação mundial creada pela derrota dos imperios centrais. E' nisso que tenho trabalhado átivamente.

Kionga revem normalmente a Portugal sem ter sido necessario «reivindica-la». Arrancados á posse de Portugal em 1894, no tempo da monarquia, por um tratado forçado com a Alemanha, a baía e o territorio de Kionga foram conquistados no principio da guerra pelos nossos valentes soldados.

Sobre Kionga flutua hoje, como durante a guerra, o pavilhão portuguez. Esse territorio, que era uma especie de Alsacia-Lorena

de Portugal pertence-nos hoje, novamente, de facto e de direito.

Só tivemos que apresentar na Conferencia da Paz uma nota informando oficialmente os aliados de que esse territorio tinha sido reintegrado no quadro do dominio colonial da Republica-portugueza.

(Aqui o presidente da delegação portugueza, levantando-se, convidou-me a aproximar-me de um grande mapa da Africa estendido na parede. Lá, s. ex.ª mostrando-me a baía e o territorio de Kionga, explicou-me as condições do rapto, pela Alemanha, em 1894, e fez-me uma magistral prelecção sobre a Africa-oriental).

—No Tratado de Paz—continuou o sr. dr. Afonso Costa, assentando-se—nada ha para Portugal, nem sobre os navios ex-alemães apreendidos nos portos portuguezes, nem quanto ás reparações em dinheiro a serem-lhe dadas para pagamento das suas despezas de guerra.

Quanto aos navios ex-alemães, a situação é, por óra, a mesma de quando Portugal entrou na guerra.

A indemnisação monetaria e a administração das colonias alemãs

Sobre as indemnisações em ouro que são devidas pela Alemanha ás nações que, como Portugal, se arruinaram com a guerra, consegui por meio dum protesto energico, que exprimia não sómente o meu sentir pessoal mas tambem o pensar dos delegados das outras nações, consegui fazer admitir no Conselho-dos-quatro o principio das reparações. Portugal entrará no rateio do ouro alemão que será distribuido. Se, porem, não recebermos toda a indemnisação em dinheiro alemão, serêmos pagos de maneira indirecta, por meio de creditos que nos abrirão as nações amigas, especialmente em Inglaterra.

Não sei, todavia, ainda, que quantia caberá a Portugal, no rateio geral. E' uma questão que está em estudo.

Se é certo que a Alemanha—como já é do conhecimento publico—não poderá infelizmente pagar todos os danos que causou, a verdade é que o meu protesto—e cada vez estou mais contente de o ter feito—modificou as coisas em nosso favor, em favor das pequenas nações.

E isto já é um resultado grandemente apreciavel, que compensa, em parte, os meus esforços no Congresso da Paz.

Fiz ver á Conferencia que a guerra podia comparar-se a um gigantesto processo que foi perdido pela Alemanha.

Ora as regras do direito e as normas da justiça ordenam que as despesas do processo sejam pagas por quem o perdeu.

E' o caso da Alemanha.

Mais uma vez o digo: estou satisfeito de ter feito o protesto, pois vejo que ele deu algum resultado.

— O Tratado de Paz, tal qual foi apresentado no dia 7, em Versailles, aos delegados alemães, tambem não dá a Portugal nenhum mandato nas colonias ex-alemãs de Africa. Pensa v. ex.ª que o seu protesto na Conferencia, sobre essa questão, modificará o tratado num sentido favoravel a Portugal?

— Efetivamente no tratado nada ha sobre o mandato de Portugal nas colonias ex-alemãs.

Fiz nesse sentido tambem um protesto perante o Congresso de Paz e espero obter satisfação. Mas como as negociações a esse respeito estão ainda em curso, nada posso afirmar de positivo, por ora. Penso, todavia poder adeantar que desde esse protesto, sinto uma atmosfera favoravel em torno dos direitos de Portugal e constato que o Congresso da Paz, especialmente, os delegados da Gran-Bretanha, olham com interesse para o problema portuguez.

As impressões do sr. dr. Afonso Costa sobre o Tratado de Paz

— Se por absurdo os direitos de Portugal não fossem reconhecidos e os seus interesses resalvados, retirar-se-ia v. ex.ª da Conferencia e não assinaria o tratado?

— Não. A delegação portugueza nunca poderia esquivar-se á assinatura do tratado. Reconhecido como está que a Alemanha não póde reembolsar a cada aliado as despeza totais da guerra e sabido como é que Portugal não entrou na luta em virtude de algum tratado ou contrato que lhe assegurasse uma recompensa territorial ou financeira, eu não podia deixar de pôr a minha assinatura abaixo do Tratado de Paz.

Todavia, se me perguntarem a minha impressão sobre o tratado em geral e sobre o estado actual dos interesses portuguezes em jogo na Conferencia, eu tenho a responder, quanto ao primeiro, que não estou de forma nenhuma satisfeito; cometeu-se muito erro, fez-se muita tolice, sendo a principal delas esta: fazer entrar a Liga das nações no Tratado de Paz, como parte integrante; e alem disso não quizeram ser demasiado duros para com a Alemanha; a frase celebre «*sabes vencer, ó Anibal, mas não sabes aproveitar te da vitoria,*» póde aplicar-se *mutatis mutandis* ao Directorio da Paz!

Quanto ao segundo, estou agora mais satisfeito.

Vejo que, desde os meus protestos, as coisas marcham de outra maneira; os interesses e os direitos de Portugal estão em caminho de serem reconhecidos e de receberem a solução favoravel, na medida do possivel.

Póde dizer á nossa gente do Brazil que Portugal receberá satisfação, não digo completa, mas suficiente para poder progredir na era nova que ora se abre no mundo: a força moral que ele adquiriu entrando na guerra, o que na minha opinião é inestimavel, suprirá aquelas compensações materiais, que a Conferencia lhe não póde dar.

A admissão da Espanha na comissão da Liga das Nações

— O protesto de v. ex.ª contra a admissão da Espanha na comissão executiva da Liga das Nações teve algum outro mobil que não as considerações de ordem juridica por v. ex.ª apresentadas?

— Não senhor. Protestei contra o facto em si, por causa da incoerencia do absurdo juridico que ele comportava. Se em logar da Espanha tivesse sido a Holanda, a Dinamarca, ou qualquer outra nação neutral a escolhida por Wilson, eu formularia o protesto da mesma maneira, visto que nenhuma nação neutra póde fazer parte do conselho executivo da Liga sem a ela aderir por escrito e sem reserva nos dois mezes coonsecutivos á entrada em vigor do pacto.

Como advogado e jurista que tambem sou, quiz mostrar o erro de Wilson e evidenciar o absurdo juridico cometido pelo presidente dos Estados-unidos da America-do-norte.

— Após a assinatura da Paz pensa v. ex.ª ficar em Paris com a Delegação por muito tempo?

— Isso não sei. Estou ao serviço da minha Patria e os seus interesses defende-los-hei até ao fim. Todavia, só posso aceitar de ficar aqui até quando o meu paiz cá precisar de mim e isto ainda se o meu governo continuar a dispensar-me a sua confiança.

Uma pergunta indiscreta e algumas considerações necessarias

— Permita-me v. ex.ª ainda uma ultima pergunta...

— Qual?

— Esta: é irrevogavel a decisão de v. ex.ª de abandonar a politica partidaria? Na hipotese afirmativa, continuará, todavia v. ex.ª a militar na politica independente?

— A sua pergunta visa uma questão de ordem diferente daquela que até aqui temos tratado. Tive prazer em expôr-lhe a situação dos problemas de Portugal perante a Conferencia da Paz, mas a essa pergunta, que visa em certo modo a minha vida particular, permita-me que não responda.

— Está bem! O que v. ex.ª me disse já me basta.

Agradeci ao sr. dr. Afonso Costa a gentileza com que me atendeu e retirei-me deixando-o entregue aos seus afazeres.

Aí está redigida com toda a sinceridade e com a maior fidelidade possivel a longa entrevista que tive com o atual presidente da Delegação portugueza á Conferencia da Paz.

Declaro que os termos de que me servi, se por vezes não são exatamente os mesmos—impossivel de reproduzi-los *ipsis verbis*—empregados por s. ex.ª, traduzem todavia o espirito, a essencia do seu pensamenta.

Em nenhum logar, em caso algum, forcei o sentido das palavras, das expressões do sr. dr. Afonso Costa. Fui méro *reporter*, que passei ao papel para dar-lne publicidade, o que ouvi.

Para evitar quaisquer mal entendidos que por ventura possam surgir, no futuro, sobre a minha lealdade de jornalista, faço esta declaração.

E justamente porque quero ser leal e sobretudo imparcial nesta controversia—que a mim se me afigura como tendo por mobil a politica—suscitada entre o sr. dr. Afonso Costa e o sr. dr. Egas Moniz, como mais uma vez se constata na primeira parte desta entrevista, quero aqui arquivar, ou antes, lançar no debate, uma informação do meu conhecimento pessoal, sem fazer-lhe nenhum comentario.

Quando o sr. dr. Egas Moniz já estava de malas feitas para Portugal, fez-me a honra de me receber no hotel Meurice.

Entre outros papeis, mostrou-me s. ex.ª um documento firmada por varios membros do governo britanico, dos quais dois ou tres *lords*, mas de cujos nomes não me lembro mais hoje.

Por esse documento se vê que por um acordo feito entre o sr. Egas Moniz e os delegados de Inglaterra, acordo resultante do contrato passado pelo sr. dr. Afonso Costa, no principio da guerra, com a Inglaterra, dos navios ex-alemães, a Gran-Bretanha garantir pagar a Portugal, por conta da indemnisação de guerra, a soma de 17 milhões de libras, salvo erro de algarismo, que representava o aumento do fréte desses navios desde a intensificação da guerra submarina até á assinatura do armisticio, e isto sem prejuizo do mais.

Este facto não concorda de maneira nenhuma com as declarações que me fez o sr. dr. Afonso Costa no primeiro e no segundo quesito.

Por lapso, esqueci-me, no momento da entrevista com o sr. dr. Afonso Costa, de fazer referencia a esse documento, para vêr se obtinha de s. ex.ª uma explicação precisa.

Foi só no meu gabinete de trabalho, ao redigir a entrevista, que dele me lembrei; por isso aqui o deixo arquivado, como é de lealdade e de justiça e as de ordem patriotica.»

Paulo de Tarso.

Alberto Souto
Advogado
Aveiro

Abriu o seu escritorio, junto á Praça do Comercio, aos Arcos, onde pode ser procurado todos os dias uteis, exceto sabados, das 12 ás 16 horas. Na sua rezidencia, Quinta do Forte—Bonsucesso—das 9 ás 10 horas.

JORNAL DE LISBOA

Lisboa, 20.

Tem-se falado muito sobre a crise em que de facto se debate a situação, e tem-se publicado quanto a fantasia deixa escrito no papel do jornal.

Posso afirmar aos leitores do *Campeão*, que procuro trazer ao corrente das coisas que mais interessam, não haver absolutamente nada em definitivo resolvido sobre a constituição do governo novo.

Nada de positivo e nada de concreto.

Logo que o atual gabinete declare ás camaras têr resolvido o problema da ordem publica, visto haver para isso recebido delas esse mandato expresso em moção de confiança, constituir-se-ha um governo que ofereça todas as garantias de estabilidade. Será de concentração, é claro. Os escolhidos para ele apresentarão no Parlamento um programa minimo de realização imediata, no qual serão englobadas as questões coloniais e de abastecimentos; aquelas de maneira a serem aproveitadas para os efeitos de exploração, os produtos das nossas possessões de alem-mar; estas, no proposito de atender ás necessidades do paiz sobre o ponto de vista da quantidade e do preço.

Nomes, dão posso dar-lh'os.

Entretanto, ao contrario do que se tem dito em alguns jornais. o sr. coronel Sá Cardoso nunca se mostrou disposto a formar governo com elementos exclusivos do seu partido.

O sr. Sá Cardoso só presidiria a um gabinete forte, ainda que lhe fosse dada ampla liberdade para escolher entre pessôas especialisadas.

A gréve está virtualmente condenada. Imaginou-se que a força do numero podia vencer a razão poderosa das circunstancias, e não se olhou sequer ao agravamento da vida que ela poderia trazer aos proprios amotinados. Pois enganou-se redondamente quem tal pensou. Agora não são já os operarios os grevistas. São os patrões, que despedem os recalcitrantes. E' deste numero toda a imprensa da capital, que publicou um boletim justificativo da sua resolução, suspendendo os jornais, boletim que colheu a melhor aceitação publica.

Seria realmente colocar a imprensa numa situação de subserviencia deprimente e vorgonhosa a transigencia imposta pela classe assalariada.

Nem tanto ao mar... Conceder as possiveis regalias e melhoria de situação aos que trabalham, compreende-se. Abdicar da propia dignidade profissional aceitando imposições daquela natureza, jámais!

A gréve, que se anunciara com um carater de generalidade que não podia têr, terminou voltando-se o feitiço contra o feiticeiro. Tinha que sêr assim, a vêr se duma vês se põe ponto final em tal maneira de exigir o que se não póde dar.

Emilio

Carteira de apontamentos

Festas de familia:

Fazem anos hoje: a sr.ª D. Maria Leonor de Vilhena Couceiro da Costa.

Amanhã, as sr.as D. Ester Cordeiro Ribeiro, D. Antonia de Moura C. A. d'Eça, e o sr. dr. João Carlos Temudo Rangel.

Alem, as sr.as D. Isaura Cancela, D. Alice da Conceição Sousa Lobo, condessa de Mossamedes, e os srs. dr. Antonio Maria Esteves Mendes Correia e Eduardo Correia de Sá.

Depois, as sr.as D. Alda do Amaral Osorio, D. Emilia da Cunha Santiago, D. Maria Luiza da Costa Novais, e o sr. conde da Borralha.

Em 25, o sr. Guilherme Franquera.

Em 26, as sr.as D. Ana de Almeida, D. Maria José Garcia Regala, e os srs. Angelo Amador Leite e Manuel Cravo.

Em 27, m.elle Branca de Cerqueira Pinto Belmonte.

◆ A referencia ao casamento da graciosa filha do sr. dr. Francisco Regala, realisado na passada semana, saiu com varias omissões e entre elas a do nome da noiva: D. Belarmina Maria Moreira Regala. Foi a precipitação com que se escreveu, e nem a revisão deu por ela!

Visitas:

Estiveram nestes dias em Aveiro os srs. dr. Agostinho Fontes, p.e Antonio dos Santos Pato, major João Augusto Regala, dr. Joaquim Antonio de Azevedo e Castro, Vicente Rodrigues da Cruz, Artur Amador, Francisco de Almeida d'Eça, Manuel Rodrigues Gomes, David José de Pinho e sua esposa, Bernardo Maria da Silva, Domingos Luiz da Conceição, Daniel Domingues Piqueira e seu irmão.

◆ Esteve em Vagos, com sua esposa e filho, o nosso presado amigo e distinto advogado portuense, sr. dr. Mario Esteves de Oliveira.

Os que chegam:

Vindos do Pará, chegaram á sua terra natal os srs. José da Silva Amador, Antonio da Silva de Matos e Joaquim da Silva Valente.

◆ E' em breve esperado em Aveiro, de regresso do Brazil, o nosso estimavel patricio, sr. Bento Augusto de Carvalho.

Agradecimento:

A familia Dias vem por este meio testemunhar o seu profundo reconhecimento a todas as pessoas que se interessaram pelo seu querido pae e sogro, e egualmente pelo seu irmão e cunhado, no periodo das graves doenças a que sucumbiram. Neste publico testemunho não podem deixar de especialisar o seu medico assistente sr. dr. Armando da Cunha Azevedo, pelos esforços que empregou para salvar os extintos. Aproveitando tambem o ensejo, apresentam o seu inolvidavel reconhecimento ao sr. Livio Salgueiro pelas finezas dispensadas á familia. Do mesmo modo agradecem ao sr. director do «Colegio-aveirense» e á academia do liceu de Aveiro e áqueles que se dignaram encorporar-se no prestito funebre, ao «Recreio-artistico» e em geral a todas as pessoas que o acompanharam até ao cemiterio publico desta cidade, reiterando a todos a sua mais viva gratidão.

LUIZ AUGUSTO REGALA

No Quanza, Africa-portugueza, onde residia ha muito, faleceu ultimamente o sr. Luiz Augusto Regala, filho do extinto e saudoso clinico desta cidade, sr. dr. Luiz Augusto da Fonseca Regala, e irmão dos srs. dr. Francisco Regala, capitão-medico no ultramar, major João Regala, Agnelo e Lourelio Regala, todos nossos conterraneos.

Novo e aventuroso, cuidando em colher fortuna pelo trabalho fatigante e arduo dos territorios africanos, para ali seguiu em novembro de 1900, atraido pelo ideal que a tantos outros emancipou das miserias da vida, mal pensando nos caprichos da adversidade que o aguardavam, mas na dôce ilusão que jámais realisou.

Correram-lhe propicios os primeiros anos. Depois, um revéz, alguns duros golpes da adversidade com que não contava e se sucederam, sem excetuar o das enfermidades devidas ao clima e ao excesso de fadiga, que fazia parte da bagagem da legitima aspiração com que foi, depauperaram-n'o extremamente. Reagiu animoso e cuidava já de voltar para o ano.

Aguardavam-n'o anciosos os seus. Seria de festa para eles o dia do seu regresso. Voltava ao seio da patria e da familia aquele excelente môço de nobilissimo carater, que todos conheciamos e apreciavamos, a quem viramos partir confiado no valor do seu braço e no seu animo arrojado e empreendedor.

Concorrera, aqui, em lusidas festas de *sport*, para benemeritas obras de beneficencia. Foi do grupo que iniciou entre nós as corridas de velocipede, inaugurando o velodromo do Rocio. Uma deslealdade dum competidor sacudiu-o do veículo, fracturando, na queda, uma perna.

Tomou parte em festas teatrais colaborando em apreciaveis trabalhos de ginastica, sobre paralelas e barra fixa. Timonava com a destreza com que remava em escaleres que por vezes atraiam multidões ao Cais, em dias de regata.

Obteve premios que são ainda hoje preciosas recordações de familia. Já lá vão anos, bastantes anos!

A vida de Africa, vida activa de porfiados trabalhos e infortunios, transformaram-n'o. Foi comerciante, foi lavrador, foi proprietario de extensos campos de gados. Uma subita baixa no valor de mercadorias armazenadas em larga escala, seguida duma prolongada imobilidade por doença, comprometeu-lhe todo o labor insano de muito tempo. Voltou á luta corajoso. Tentou, cheio de esperança, um novo exforço.

Foi nesta altura que a morte o surpreendeu.

Como? Acometido das febres? Por desastre? Não se sabe. A comunicação que de Benguela um amigo nos en-

---

❀ SERÕES ❀

(280)

Penhor materno

DECIMA QUINTA PARTE

TRADUÇÃO DE **JOSÉ BEIRÃO**

O ramo de Oliveira

IX

Um anjo junto do enfermo

— Mas de que serve recordar o passado? Ocupemo-nos só do presente. Desejas que o general me veja junto ao leito? Pois bem, vamos lá.

— Deus te abençoe, meu irmão, já que sabes esquecer e perdoar.

Daniel e Clotilde entraram na alcova do enfermo.

O general ouviu-lhes de certo os passos e abriu os olhos, contemplando-os em silencio e com expressão dolorosa; depois teve um estremecimento, e como se não podesse suportar aqueles olhares, cerrou as palpebras e exhalou um suspiro.

Clotilde fez sinal a Santiago para que saisse do quarto.

— Ajoelha, meu irmão, disse a bondosa menina, e roguemos a Deus pelo restabelecimento de nosso infeliz pai.

Os dois irmãos ajoelharam junto ao leito, apoiando as frontes na borda da cama.

O general ouviu aquelas palavras, que lhe caíram no coração como gotas de balsamo. Abriu os olhos, e ao ver seus filhos ajoelhados, estendeu os braços e colocou-lhe as mãos sobre as cabeças. Depois fez um violento esforço para falar, mas não pôde; então, duas grossas lagrimas lhe deslisaram ardentes pelas faces lividas.

Entretanto, Daniel e Clotilde elevavam a Deus, desde o fundo da alma, uma fervorosa suplica de perdão para o culpado.

XI

Um coração d'aço

O sol poente doirava a limpida superficie do lago, quando uma gentil barca vogava em direção ao cais do palacio de Diodati. A' pôpa iam sentadas duas mulheres, vestidas de preto, imoveis e silenciosas. Uma delas levava o véo caído para o rosto. A outra, que não andaria longe dos sessenta anos e cujos cabelos eram inteiramente brancos, trazia na cabeça uma touca de rendas pretas.

A barca atracou, e as duas passageiras, auxiliadas pelo barqueiro, saltaram para a terra.

A desconhecida de véo parecia estar muito fraca, porque se apoiou ao braço da sua companheira. O barqueiro entregou a esta uma pequena mala e um chale de abafar.

— Está bem certo que é aquele o palacio Diodati? perguntou em francez ao barqueiro a senhora de véo.

— Pois não hei de estar certo! Não ha barqueiro de lago que não o conheça

A senhora entregou algum dinheiro ao homem, dizendo-lhe:

— Espere uma hora; se eu não voltar até então, póde retirar-se.

— Vá descançada.

Como o portão do jardim estava aberto, as duas senhoras entraram sem dificuldade, dirigindo-se para o palacio.

A sr.ª Margot, que andava passeando por diante do portal, dirigiu um olhar de curiosidade ás desconhecidas.

A senhora de véo, sempre apoiada ao braço da mais edosa, fez um leve cumprimento á sr.ª Margot e perguntou-lhe:

— Moram neste palacio o general Lostan e sua filha Clotilde?

— Moram, sim, minha senhora.

— Nesse caso, tenha a bondade de conduzir-me á sua presença.

A desconhecida pronunciou com tal auctoridade aquelas palavras, que a sr.ª Margot nem sequer se atreveu a perguntar-lhe quem era, contentando-se em apenas lhe dizer:

— Queira ter a bondade de seguir-me.

A senhora do véo começou a subir a escada, amparando-se á sua companheira, a qual lhe disse em voz baixa:

— Foi uma imprudencia v. ex.ª continuar a viagem sem estar de todo restabelecida.

— Pois apesar disso, receio chegar tarde.

A sr.ª Margot parou afinal diante dum amplo reposteiro de veludo, e disse:

— O sr. general está doente e ocupa este quarto.

A senhora do véo, mostrando impressional-a pouco aquela noticia, afastou com mão trémula o reposteiro e entrou.

Estavam no gabinete, Clotilde, Daniel, Julio e o dr. Samuel; Santiago velava junto de seu amo.

A presença da recem-chegada causou em todos um estremecimento de espanto.

Clotilde de certo a reconheceu, porque, soltando um grito, correu a lançar-se-lhe nos braços, dizendo ao mesmo tempo:

— E' a minha querida mãe!

A marqueza levantou o véo, deixando ver o seu palido e entristecido rosto.

Ao reconhecerem-n'a todos soltaram um grito de assombro.

(Continua.)

via pelo telegrafo, não pormenorisa.

Deixa-nos numa anciedade dolorosa por carta que não tem ainda tempo de haver partido de lá, visto que esse telegrama traz a data de 17 do corrente. Seja como fôr, o que é certo é que, sob o solo onde teem ficado tantos outros aveirenses, uns batendo-se heroicamente em defeza da bandeira da patria, outros ferindo-se nos agudos espinhos da vida, dorme agora o derradeiro sôno mais um daqueles que bem mereciam da sorte pelos primores do coração e pela abnegação com que lutou pela existencia.

Aos doridos, que tantos são, doridos até por bem recentes golpes de natureza egual, os nossos mais sinceros e mais comovidos pezames.

Francisco Soares
Medico-cirurgião
AVEIRO
Residencia: Estrada da Barra, 5
CONSULTORIO
(provisoriamente) Avenida da Revolução n.º 2, 1.º
(ao Largo da Cadeia)
Das 12 ás 2 da tarde.

Ainda a proposito de Angola

O sr. Piaccenini, delegado italiano á Conferencia da Paz, procurou da parte do sr. Sinnino, chefe da missão italiana, o sr. dr Afonso Costa, para oficialmente lhe dizer que o artigo do *Temps* a respeito de Angola, que motivava esta sua visita, não obedecia a nenhuma aspiração italiana, tendo sido a sua delegação absolutamente estranha a ele e que até o deplora.

O marquez Solari enviou á *Tribuna*, de Roma, o seguinte telegrama que o *Temps* reproduz com comentarios:

«Nas suas considerações, ao ocupar-se das compensações coloniais a conceder á Italia, o *Temps* procurou demonstrar o interesse da França em que sejam cumpridos os compromissos tomados com a Italia pelo pacto de Londres, propondo que a colonia portugueza de Angola seja atribuida ao nosso paiz. Sem entrar em comentarios politicos, desejo declarar: primeiro que desde 1912 se começou, com pleno consentimento do governo portuguez, um importante trabalho de preparação, a fim de criar interesses italianos, de ordem exclusivamente económica, em Angola, por meio de um sindicato formado e presidido por mim; segundoque, de acôrdo com as leis e os regulamentos em vigor, o sindicato pediu simplesmente concessões para valorisar com a emigração italiana alguns territorios de Angola, sem atentar contra a soberania de Portugal; terceiro que se tratava de estabelecer uma nova corrente de emigração, desejada por Portugal (o trabalho começado por nós em 1912 poderia, talvez, completar-se em tempo oportuno por algum acordo diplomatico, simplesmente sob o ponto de vista da proteção ao trabalho); quarto que os interesses francezes ingleses em Angola estão representados por concessões de caminhos de ferro e minas que os inglezes e os francezes ai possuem já. A França e a Inglaterra poderiam tratar entre si destas concessões com a Italia, em terreno diplomatico, sem perturbar as relações de carater exclusivamente economico ha muito tempo estabelecidas entre a Italia e Portugal, para valorisar sob a intangivel soberania portuguesa o territorio de Angola com a mão de obra italiana, que, pela atitude e afinidades de raça, de religião e de lingua poderia fraternalmente cooperar com o povo portuguez no desenvolvimento dessas regiões da Africa-ocidental, que devem ser reservadas á civilisação latina».

O *Temps* diz que este telegrama do marquez Solari apoia a tese por ele já defendida no dia 6 do corrente e acrescenta que não é seu intento sugerir que Angola seja dada á Italia, mas simplesmente que seja ai estabelecida uma colaboração entre Portugal e a Italia, sem procurar atingir a soberania portugueza.

Movimento local

Anotações do passado (1918).—*Dia 21 de junho.* — Renovam-se as preces *ad petundam pluvam.*

Muitos dos nossos campos apresentam um aspecto desolador.

Dia 22. — Constitue-se uma nova empreza para a exploração da pesca do bacalhau e construção de navios.

Dia 23. — Começa a passar gente para o *banho-santo*, no Farol.

Na cidade, as fogueiras e descantes do costume.

Dia 24.—Lusida festa a S. João na rua do Seixal e ruas Manuel Firmino e Gravito.

Dia 25 — Continua ainda o tempo quente, fazendo-se novas preces pelas chuvas.

Dia 26.—A epidemia da *bailarina* desenvolve-se enormemente, havendo casas onde se estende a todos os habitantes.

Dia 27.—A Camara arremata o terreno e materiais do *Mercado Manuel Firmino.*

"Teatro aveirense".— A direção da nossa casa de espetaculos têve a feliz lembrança de contratar para dois sucessivos espetaculos a *Troupe See Hee*, que nos deu no sabado e domingo duas noites de notaveis trabalhos artisticos.

Correspondeu, de facto, a troupe, á espetativa e aurea de que vinha precedida. São em verdade primorosamente executados os seus arriscados e dificeis trabalhos. Os espetadores aplaudiram e de justiça foi que o fizessem. A troupe está bem organisada, sendo bom, tudo aquilo, em toda a parte.

Fecha amanhã, a nossa casa de espetaculos, a série de sessões cinematograficas que havia iniciado no começo do inverno. Como é a ultima, reaparece Maria Stellina, a brilhante estrela teatral que por vezes aqui temos apreciado e aplaudido, vindo tambem abrilhantal-a o habil violinista portuguez, sr. Joaquim Vieira Pinto, um nôvo cheio de talento, que Aveiro se prepára para distinguir com vivos e merecidos aplausos.

Maria Stellina vai partir para a Italia, não desejando fazel-o sem vir apresentar-nos as suas despedidas numa nova noite de arte.

Que ninguem falte. E' o ultimo e o mais interessante de todos os espetaculos do genero na epoca.

Sabutage.—Pode bem classificar-se assim o acto que derivou dum assalto ao liceu, praticado na noite de 4.ª para 5.ª feira da semana finda. Não se limitou ou limitaram os assaltantes á pilhagem dos cadernos de faltas e notas de aproveitamento escolar dos alunos. Levaram dali tambem uma importante quantia arrecadada, os sêlos de propinas que estavam para ser coladas em requerimentos de exame, uma porção de tabaco que o continuo guardava em gavêta do seu compartimento, etc.

Já anteriormente a mesma ou outras mãos dali tinham levado um estojo de desenho, crendo-se geralmente que o vandalismo praticado não ha muito em varios predios da cidade, pintando-os a piche, são obra da mesma proveniencia.

O caso está afeto ao tribunal competente, onde o chefe do estabelecimento entendeu dever levar a sua queixa e lavrar o seu protesto, não parecendo dificil descobrir a quem pertence a autoria de tais feitos, que deslustram mas marcam a epoca e a falta de vigilancia a que a cidade está de ha muito entregue.

Boletim oficial. — Tendo sido creada em Aveiro a Escola de ensino primario superior, foram para ela nomeados professores os nossos amigos, srs. Agostinho de Sousa, Francisco da Silva Rocha e Fernando de Castro Sousa Maia, que no desempenho das mesmas funções em diferentes escolas do paiz teem demonstrado a competencia e zelo que os tornaram credores da distinção conferida agora.

Para a escola congenere de Lisboa foi tambem nomeada a sr.ª D. Zaira de Seabra Mendes da Costa, filha do nosso velho amigo e considerado professor normal, sr. Duarte Mendes da Costa, professora diplomada em sciencias pela Universidade de Lisboa, onde concluiu com brilho o curso iniciado na de Coimbra.

A todos os agraciados, os nossos parabens.

Foi colocado nas obras publicas deste distrito o novo chefe de conservação, sr. Manuel Dias dos Santos Ferreira.

Exames primarios.—O *Diario-do-governo* publica hoje o decreto autorisando exames primarios de 1.º e 2.º graus no actual ano letivo, em condições analogas ás do ano passado.

O verão.—Entramos hoje no solsticio de verão, pois é a 21 de junho que o sol atinge, no hemisferio boreal, o seu maior afastamento do equador. E' considerado assim o dia maior do ano.

Nas regiões septentrionais começa ámanhã a segunda estação do ano, a maior das quatro estações. Vamos ter verão até 23 de setembro proximo, sendo a duração de 93 dias, 21 horas e seis decimos de hora.

O verão é muito quente ou pluvioso, sendo frequentes nele os espasmos, as nevroses, doenças e mortes subitas. Aos temperamentos biliosos, sêcos e irasciveis é prejudicial; e, pelo contrario, reanima as constituições moles, linfaticas e catarrais. Assim resam os livros.

Excursão.—Esteve em Aveiro uma excursão de alunos de escolas conimbricenses, que visitou diferentes pontos e aulas da cidade.

Seguiu daqui para o norte.

O "Aveiro".—O magnifico barco acabado de construir no estaleiro que quasi defronta com as Piramides, na margem oposta á estrada da Gafanha, fez no domingo ultimo a sua entrada triunfal nas aguas da nossa ria.

Calcula-se em dez mil o numero de assistentes. Era o acontecimento do dia. E foi, de facto, um acontecimento empolgante. O barco deslizou serêno, e as aguas deram-lhe passagem sem um arrepio ou contração. Lindo a valer, aquilo.

Com quatro mastros e logar para 1:400 toneladas de carga, é o maior que desde remotos tempos se tem construido aqui.

Pertence á sociedade ha pouco constituida e que superiormente dirige o sr. Antonio Maximo, e destina-se a transportes entre os portos de maior atividade maritima.

Que seja feliz nas suas derrotas, e um poderoso auxiliar do comercio nacional.

A "Mundial". — Chamamos a atenção do leitor para o anuncio que na secção respetiva e sob a epigrafe desta acreditada companhia seguradora, publicamos hoje.

A *Mundial* é de todas as grandes companhias a que maiores vantagens oferece aos segurados, pois aceita, a insignificante premio, o seguro contra todos os riscos, incluindo o do roubo, o da guerra, o do tomulto, etc. etc. As suas vantagens são superiores ás de todas e quaisquer outras companhias nacionais e estrangeiras.

Pela imprensa. — Reapareceu o nosso presado colega local *Correio de Aveiro*, que por motivo do grave incomodo de saude por que passou o seu diretor e nosso velho amigo, sr. José Maria Barbosa, havia deixado de publicar alguns numeros.

Congratulando-nos com o reaparecimento do *Correio*, folgamos sobretudo pelo restabelecimento do seu digno dirigente.

No Porto encetou agora a sua publicação a *Revolta*, jornal republicano radical, que tem como director o sr. Generoso da Rocha e como principal redator o sr. Mateus Mendes.

Saudando o novo colega, desejamos-lhe todas as prosperidades.

A *Alma-popular*, folha democratica do visinho concelho de Oliveira do Bairro, foi adquirida por um nucleo de republicanos dali, que para esse fim se constituiu em sociedade por ações.

Passa a ser publicado semanalmente, continuando na defeza dos bons principios republicanos. Apetecemos-lhe um futuro prospero.

A *Alma-popular* publicou noutro dia as gravuras dos deputados eleitos por este circulo, srs. drs. Barbosa de Magalhães e Costa Ferreira.

Recomeçou tambem a sua publicação, em Lisboa, o *Jornal-da-tarde*, que é orgão do partido centrista e tem a direção esclarecida do sr. Calado Rodrigues.

Tambem o saudamos cordealmente.

SABONETE VIZELLA
O melhor e mais higienico
Contra as doenças da pele.—Perfume e saude

Dia a dia.—O tempo tem corrido com uma irregularidade que extremamente prejudica a saude publica. Ora de calor sofocante, ora de frio e humidade, assim vai passando a quadra, que deveria ser cheia de luz, inundando os campos da alegria que lhes dá vida e os enche de frutos e de flores.

Estão lindos, por enquanto, todos eles, e assim os pomares, as hortas e os vinhedos. A nascença é abundante, principalmente nos milharais. Ha tambem grande quantidade de batata prometedora. Oxalá tudo se crie em boa hora.

A proposito do tempo provavel na segunda quinzena no mez corrente, diz o meteorologista Sfeijoon:

Em 20, haverá chuvas e trovoadas nas regiões centrais da peninsula.

Em 21, por efeito de varias depressões, registram-se chuvas e trovoadas na metade oriental da peninsula.

Em 22, produzem-se chuvas e trovoadas a nordeste e norte da peninsula.

Em 23, uma depressão ocasionara chuvas e trovoadas no centro e levante da peninsula.

Em 24 e 25, melhora o estado atmosferico da peninsula.

Em 26 e 27, um nucleo de forças produz chuvas e trovoadas desde a Andaluzia ao centro.

De 28 a 30, será mais tranquila a situação atmosferica da peninsula.

Contra a debilidade. — Recomendamos aos nossos leitores o Vinho nutritivo de carne» e a «Farinha peitoral ferruginosa» e *contra a tosse* o «Xarope peitoral James», da Farmacia de Pedro Franco & c.ª—Rua de Belem, 147, Lisboa.

Rui da Cunha e Costa
advogado
R. Manuel Firmino, 5—Aveiro

A chaga

Da "Opinião", com quem neste ponto estamos de pleno acôrdo

«Para reduzir o custo da vida a uma curva menos elevada que a atingida hoje, é preciso produzir em abundancia. E' um dos varios meios de lutar contra a vida cara; mas é um meio que se impõe. Menos numerosos do que eramos antes da guerra, em razão da nosea perda de homens, devemos produzir mais para reparar as nossas perdas economicas, para nos bastarmos a nós proprios, para exportarmos o que o estrangeiro possa procurar em nossa casa e remediarmos assim a depreciação dos mercados do mundo da nossa nota do banco, que entre nós sofre duma circulação muito abundante e do enfraquecimento do seu poder de compra.»

Assim se exprime um diario parisiense, constatando as necessidades do seu paiz; dum modo semelhante poderiamos aqui escrever, porque as circunstancias são identicas.

O encarecimento dos salarios, que quasi sempre sucede aos movimentos grevistas, não é, afinal, senão um recurso de equilibrio transitorio, que em si traz já a causa dum novo encarecimento das coisas.

Em Portugal tem-se feito uma politica desacisada. Sendo preciso intensificar a produção, no que se pensou? Em contraria-la oprimindo a propriedade, cerceando a liberdade do lavrador e do industrial, reduzindo o comercio a um organismo subordinado a leis arbitrarias do Estado, que por seu alvedrio, se transformou, dum dia para o outro, com a sua burocracia rotineira e *empata*, em regulador supremo da vida economica.

Não se aumentou a produção interna; não se deixou liberdade ao comercio para fornecer-se amplamente no estrangeiro; não se relacionaram convenientemente os recursos coloniais; e porque o custo das coisas ia em carreira ascencional, as populações pobres entraram em exigir umas receitas maiores, como era natural. A cada *etape* de aumento do salario correspondeu — não podia deixar de corresponder—um aumento no custo do produto. E assim é que gradualmente a *vida tem encarecido*, quando pelo termo da guerra se poderia julgar que ela deveria descer.

Os salarios sobem? Sóbe constantemente o custo das coisas. O proletario, o empregado industrial ou comercial, o funcionario, teem hoje maior receitar? A carestia da vida acentua-se como consequencia desta aparente melhoria, e se obsorve hoje, ultrapassará amanhã os lucros obtidos. Então novas reclamações, novas exigencias, novos movimentos grévistas? Pouco importa! As consequencias serão identicas!

Pois como se tudo isto não fosse grave, em que pensaram os governos da nossa terra? Em desenvolver o trabalho, em afoutarem a organisação de emprezas que promovam o alargamento e prosperidade da nossa vida activa, em dar-se aos homens audaciosos, empreendedores, facilidades na excução de suas iniciativas? Que ingenuidade! No que eles pensaram foi em ameaçar os capitais de uma famosa tosquia para equilibrar o orçamento do Estado, arrazado por uma administração desorientada e perdularia, e em acenarem ás classes operarias com regalias que, sendo aparentemente inocentes, como o dia normal de 8 horas, não são senão meios indiretos de se encarecer a produção, contra o que essas classes tão justificadamente se revoltam.

Pois não seria mais util, mais pratico e racional que se fizesse a propaganda e se désse o *exemplo pratico* do valor da cooperativa de consumo, o melhor freio á especulação dos gananciosos?

Pois não seria mais proveitoso facilitar a expansão do trabalho nas colonias e promover a cultura dos terrenos quasi abandonados que para ai temos? Pois não ha velhos problemas de que depende a valorisação do paiz e que só esperam uma atenção melhor do Estado, para que se resolvam? Ah! Mas quem é que, em nossa terra, se preocupa com isso?

Quando as *greves* denunciam um estado social perturbado, como a febre um organismo doente, os governos da nossa terra apelam para expedientas dilatorios.

Ficou o mal curado? Não. Ficou adiado. Daí a tempos recrudesce com maior violencia ainda, para se empregarem de novo os mesmos processos. E assim, de acidente em acidente, se vai comprometendo a vida da nação, porque não ha a coragem de atacar de frente, como devia sêr, o problema maximo o paiz, que é o problema economico.

Um excelente tonico para o estomago

Grande numero de pessôas, que sofrem do estomago, sofrem escusadamente. Podem curar-se. Um bocado de atenção mais na escolha da alimentação e um bom remedio para fortificar os orgãos, eis tudo quanto é necessario.

Os sintomas das doenças de estomago são muitissimo variados. Certas pessoas não podem saciar-se; a outras, pelo contrario, só a vista das comidas se lhes torna insuportavel. Muitas vezes, experimenta-se uma sensação de pêso no peito, uma impressão de saciedade na garganta. Outras vezes, os gazes dilatados no estomago comprimem o coração e fazem crêr ao doente que tem uma doença deste orgão. A enxaqueca é um sintoma frequente e temido. Um estomago delicado tem certamente necessidade de uma alimentação escolhida; a natureza, porém, nunca estabeleceu que os alimentos devessem ser digeridos antes de serem comidos. O estomago tem sómente necessidade de ser ajudado, fortalecido para fazer o seu trabalho, e o que é necessario é não um fermento digestivo, mas sim um tonico. A digestão está sob a dependencia do sangue e do sistema nervoso, e a sciencia medica nunca, produziu um digestivo tonico melhor do que as Pilulas Pink.

As Pilulas Pink estão á venda em todas as farmacias pelo preço de 900 reis a caixa, 5$000 reis as 6 caixas, Deposito geral: J. P. Bastos e c.ª, Farmacia e Drogaria Peninsular, rua Augusta, 39 a 45, Lisboa.

Camara Municipal de AVEIRO

Venda de terreno

A Camara municipal do concelho de Aveiro faz publico que no proximo dia 26 do corrente, em sessão e pelas 14 horas, porá em hasta pnblica, para serem adjudicados a quem por eles mais dér, os talhões numero 5, 8 e 9 dos terrenos a alienar na nova avenida do centro da cidade á estação do caminho de ferro, confrontando o primeiro: do norte com a avenida; sul com D. Clara Mendes Leite; nascente com a Camara municipal; e poente com João Trindade, tendo a área de 600,m² e sendo a base de licitação de 1.800$00; o segundo: do norte com a avenida; sul com D. Clara Mendes Leite; nascente com João Trindade; e poente com a Camara municipal, tendo a áreade 600,m² e sendo a base de licitação de 1.800$00; o terceiro: do norte com a avenida; sul com D. Clara Mendes Leite; nascente e poente com a Camara municipal, tendo a área de 561,m² sendoa base de licitação de 2.244$00 escudos.

E para constar se passou este e outros de igual teôr, que vão ser afixados nos lugares mais publicos e do costume.

Aveiro e Secretaria municipal, aos 6 de junho de 1919.

O Presidente da Comissão administrativa,

Lourenço Simões Peixinho

Segurai os vossos haveres na **Seguradora.**

A ELEGANTE

ESTAÇÃO DE VERÃO

Modas e confeções ❋ Camisaria e gravataria

Pompeu da Costa Pereira

R. de José Estevam ❋ R. Mendes Leite

RECEBEU já todo o sortido para a presente estação em artigos da mais alta novidade e apurado gôsto, importados directamente dos principais centros productores do estrangeiro, competindo com as casas de modas do Porto e Lisboa. — **E'tamines**, para vestido, grandioso sortimento desde $65 o metro. — **Gabardines**, em lindissimas côres, para vestidos, desde 2$00.—**Cortes de bluza**, em sêda crúa; **Crépe Georgete**, alta novidade. —**Voiles, Gazes Crépes da China, Chifons, Moussines**, etc., etc.

Especialidade em morins e estamparias para enxovais

Fazendas brancas AVEIRO **Perfumarias**

"A Seguradora,,

Companhia de seguros contra todos os riscos

S. A. R. L.

Capital social: Escudos **500:000$00**
Capital realisado: » **250:000$00**

Séde no Porto:—Rua das Flores, 118

Correspondente em Aveiro — Victor Coelho da Silva, *Chapelaria-aveirense*, rua Direita n.º 8.

O Inspector,
A. Carvalhal

CONFEITARIA MOURÃO, SUC.ra

TEM sempre á venda os mais finos dôces de ovos, especialidade da terra. Sortido variadissimo, para chá e sobremeza, numa escolha esmerada e abundante.

Encarrega-se de despachar nas melhores condições todas as encomendas e para todos os pontos do paiz, Africa e Brazil, onde tem os seus revendedores.

Descontos aos revendedores d'**Ovos moles**, em latas ou barricas de varios tamanhos. Mariscos da ria de Aveiro, em conserva. Saborosas enguias assadas a pescador.

Rua Coimbra — **Aveiro**

Juizo de direito da comarca DE Aveiro

EDITOS DE 30 DIAS

1.ª PUBLICAÇÃO

POR este Juizo e cartorio do escrivão do quarto oficio—Flamengo, no inventario orfanologio a que se procede por falecimento de José Rodrigues Pardinha, casado, que foi morador no logar de Sarrazola, freguezia de Cacia, desta comarca, e em que é inventariante e cabeça de casal Maria Emilia da Costa Souto Pardinha, viuva do inventariado, residente no mesmo logar, correm editos de trinta dias, a contar da segunda e ultima publicação deste no respetivo jornal, chamando e citando o legatario Manuel de Jesus Albano, solteiro, maior, actualmente militar e residente em Coimbra, no segundo grupo da Manutenção-militar, para assistir a todos os termos até final do referido inventario, e nele deduzir a opasição impugnação que tiver e os seus demais direitos, nos termos da lei, sob pena de revelia.

Aveiro, 6 de junho de 1919.

Verifiquei:
O Juiz de direito,
Pereira Zagalo.

O escrivão do 4.º oficio,
João Luiz Flamengo

Escada de ferro

VENDE-SE uma, em espiral, com 3m85 de altura.

Póde vêr-se na serrelharia de Manuel Ferreira, rua Tenente Rezende—AVEIRO.

ASTHMATICOS Desanimados!

O Pó DE ABYSSINIA EXIBARD

Sem Opio nem Morphina.
ALLIVIA Instantaneamente
Cada anno milhares de doentes
H. FERRÉ, BLOTTIÈRE & Cie, 6, Rue Dombasle, Paris.

COMPANHIA DE SEGUROS PROBIDADE

CAPITAL 600.000$00

SÉDE—(Propriedade da Companhia)

Rua Augusta n.º 228, 230, 232, 234 e 236

LISBOA

Efectua seguros maritimos e terrestres

Correspondente em Aveiro: Domingos José dos Santos Leite
Rua José Estevam, 5, 5 A e 5 B

Farinha Peitoral Ferruginosa da Farmaci

Esta farinha é um precioso medicamento pela sua acção tonica reconstituinte, do mais reconhecido proveito nas pessoas anemicas, de constituição fraca, e, em geral, que carecem de forças no organismo, é ao mesmo tempo um excelente alimento reparador, de facil digestão, utilissimo para pessoas de estomago debil ou enfermo, para convalescentes, pessoas idosas ou creanças.

Está legalmente autorizado e previligiado.

Pedro Franco & C.ª
DEPOSITO GERAL
RUA DE BELEM, 147 - LISBOA

VIDEIRAS AMERICANAS barbados e enxertos de castas mais resistentes e produtivas. Qualidades garantidas. Enxertos de pereiras de excelentes qualidades.

Manuel Rodrigues Pereira de Carvalho, AVEIRO—Requeixo.

AZIRA PINHEIRO CHAVES com atelier de chapeus para senhora e creanças, e artigos para os confecionar.

Sempre grandes novidades.—Rua Coimbra n.º 9.—AVEIRO

R. M. S. P.

MALA REAL INGLEZA

PAQUETES CORREIOS — A SAIR DE LISBOA

Continuam as saidas regulares dos magnificos e rapidos paquetes correios desta Companhia, para os portos de

Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos-Ayres

A BORDO HA CREADOS PORTUGUEZES

Nas agencias do Porto e Lisboa, pódem os srs. passageiros de 1.ª e 2.ª classes e classe intermediaria escolher os beliches á vista das plantas, ma para isso recomendamos toda a antecipação.

Todos os vapores desta Companhia costumam atracar ao cais no RIO DE JANEIRO.

AGENTES

NO PORTO: **TAIT & C.º** 19, R. do Infante D. Henrique

EM LISBOA: **James Rawes & C.ª** Rua do Corpo Santo, n.º 47-1.º

Chego do Porto

onde me sorti de fatos para inverno e de um bom sobretudo.

Fiquei admirado com o colossal sortimento de cazimiras chics e de bom agasalho que vi na Alfaiataria Elegancia Portuense, DE AMADEU & CARDOSO L.da na Rua Passos Manoel 142 a 154

Para casos urgentes, tem tambem esta caza uma selêta coleção de sobretudos feitos, irrepreensivelmente talhado se bem acabados, perfeitos modelos, a principiar em 25 escudos.

Não percam a ocasião de confrontarem...